

# A SOCIOLINGÜÍSTICA E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA ABORDAGEM DO PROCESSO

João Evangelista das Neves Araújo<sup>1</sup>

## resumo

O presente artigo questiona o ensino convencional de leitura nas escolas brasileiras, a partir de bases sociológicas como fundamentos para a construção de novas abordagens desse ensino com vistas às transformações sociais. Neste sentido, aponta para um ensino democrático de leitura, direcionado por uma ação pedagógica voltado para as realidades concretas em relação aos diferentes usos e funções linguísticas e outras diferenciações sociais e culturais.

## Abstract

The present article broaches the conventional teaching of reading at Brazilian schools according to sociolinguistic approaches as bases to the building of new approaches of this teaching in order to social transformation. On this way it points out to a democratic reading teaching controlled by a pedagogic action worried to the concrete realities in relation to the different linguistics uses and functions and other social and cultural differentiates.

## INTRODUÇÃO

### I. SOCIOLINGÜÍSTICA E ENSINO DE LEITURA: POR QUÊ?

Partindo-se da idéia de que a sociolingüística é responsável pela sistematização das variáveis existentes na linguagem, havendo nestas variáveis reflexos das estruturas sociais, é que compreende-se a razão porque William Labov diz que por serem da mesma natureza existem íntimas relações entre os fatos lingüísticos e fatos sociais.

Dessa forma, um fato lingüístico, isto é, uma variante qualquer de nossa língua, pertencente a uma determinada comunidade, está diretamente relacionado com os aspectos culturais, econômicos, políticos e outros. Por essa razão, o ensino (de leitura) que é também um fato social, uma vez que este é transmitido ou realizado, através da fala (como fato social por excelência), deveria relacionar-se com os outros aspectos.

Assim, se a língua ou fala é instrumento específico para o ensino de

1 - Mestrando em Educação - CCE - UFPI

Prog. de Mest. em Educ.	Teresina	n. 3	pp.109-117	1998
-------------------------	----------	------	------------	------

modo geral, então, ela tem grande peso nos processo de ensino-aprendizagem, pois, tem aí a finalidade e a função não apenas de produzir mas de reproduzir as relações sociais, através das relações lingüísticas, sendo que isto muito depende da forma com a escola vai falar com essa comunidade lingüísticas, sendo que isto muito depende da forma como a escola vai falar com essa comunidade lingüística para ensiná-la.

Com relação aos modos como a escola brasileira trata o ensino de língua nacional/leitura com seus alunos, historicamente ela tem concebido uma língua padrão, como se no país não houvesse nenhuma variação lingüística, nem divisão de classes sociais, por ser uma escola meritocrático-legitimista.

Este fato tem levado os educandos das camadas populares, ao fracasso em leitura, isto porque por uma lado, esses estudantes não dispõem, concretamente, no que se refere à língua, dos códigos elaborados e exigidos para decifrar adequadamente a mensagem pedagógica; e por outro lado porque essa escola legitimista, comete um erro simétrico de deciframento, pois, ignora os códigos em função dos quais esses educandos agem e se expressam, constituindo-se aí, a grande pedra que impede o desenvolvimento e o aprendizado da leitura.

Neste sentido, Silva<sup>2</sup> diz que “esta escola não conhece o livro de outras regras culturais, não sabe lê-lo na realidade ignora até sua própria existência”, o que vai impedir um verdadeiro ensino de leitura, ao negar ao aluno, sua língua, sua cultura e a autonomia simbólica.

Como já se sabe, a nossa escola meritocrático-legitimista é legitimista na prática e meritocrática no ideal, ou seja, não conseguindo salvar nada mais que unia elite muito restrita de “alunos-milagres”, cujo desempenho e sucesso tem justificado a rejeição e a eliminação da maioria, que, embora consiga concluir grau ou ainda no caso de outra parcela muito menor, o segundo grau, saem dessas escolas sem o hábito de ler e sem os domínios dos processos e formas de leitura.

Todas essa situação tem sido reforçada através das metodologias utilizadas para o ensino-aprendizagem leitura em muitas escolas que, não tem levado em consideração as variações da realidade de vida dos educandos nas diversas classes sociais, das situações gerais e específicas, sobretudo, lingüísticas.

---

2 - SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula; Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 187

Aragão<sup>3</sup>, percebe e anuncia a referida situação, apontando os seguintes aspectos: “os preconceitos e estigmas que cercam essas variações fazem com as mesmas sejam consideradas erradas, sem prestígio, e conseqüentemente evitadas, ou mesmo banidas dos livros didáticos e das salas de aula”.

Esse fato certamente nos mostra o despeito ou ignorância dos autores dos livros didáticos e da maioria dos professores de 1º e 2º graus, sobre a importância das variações lingüística para o ensino da língua/leitura, principalmente nos níveis regional e social.

A partir dessa reflexão inicial, tentaremos esclarecer algumas questões fundamentais do tipo; - Por que a sociolingüística tornou-se um tema tão importante para o ensino de língua, e conseqüentemente para o ensino de leitura? Quais são as suas relações com esse ensino? Ou será esse um aspecto sem grande relevância para o processo democrático do ensino de leitura, com vistas às transformações individual e social?

## II. A SOCIOLINGÜÍSTICA E A BUSCA DE COMPREENSÃO DO ENSINO

As noções de língua oral e língua escrita e suas variações de pronúncia e registro, respectivamente, assim como de estilos formal e informal, são características que nos ajudam a compreender as variantes lingüísticas, sobretudo no processo de ensino-aprendizagem da leitura, através de fatores sociais e culturais a serem considerados pela escola.

Nesta perspectiva é que, Aragão nos diz, que os tão famosos “erros” de pronúncia na leitura, e de ortografia escrita, são geralmente fonéticos, uma vez que nosso alfabeto não tem base fonético-fonológica e sim etimológica, de modo que um mesmo som ou fonema pode ser representado por grafemas diferentes ou um só grafema representar vários sons ou fonemas.

Essa característica pertencente à natureza de nossa língua, exige dos professores de 1.º grau uma formação Sociolingüística capaz de levá-los à identificação das diferenças dialetais, necessária à construção de uma metodologia de ensino desprovida de um caráter etnocêntrico; permitindo o educando a compreender as posições sociais dos dialetos padrão e não-padrão, estabelecendo os devidos valores a cada variante lingüística.

---

3 - ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. A linguagem regional-popular e o ensino do português. In: Anais do I encontro nacional sobre língua falada e ensino. Universidade Federal de Alagoas, Coordenação do Mestrado em Letras - Macéio, EDUFAL, 1995.

4 - ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. Op cit. P. 146.

Nesse processo de reconhecimento da função de cada variante lingüística, a adequação metodológica e o relativismo sociolingüístico e cultural, tornam-se fundamentais por permitir ao falante, o domínio de sua variante (língua não-padrão) sem perder o nível culto (língua padrão), pois, segundo Soares (1989; 79) “é nesse sentido, grande a contribuição da teoria das diferenças lingüísticas para uma reformulação do ensino de língua materna” com fins de transformação social.

O ensino de leitura crítica voltada para uma efetiva comunicação e transformação da sociedade deve conceber que:

*“Um dos requisitos indispensáveis para o desenvolvimento de um ensino de língua portuguesa de real utilidade para os aprendizes é uma atividade lúcida diante do fenômeno da heterogeneidade dialetal da parte dos profissionais, que sem isso ficam sem rumo em suas tarefas, de favorecer o desenvolvimento e o disciplinamento da expressão espontânea de seu educando. O caminho para tal lucidez requer duas etapas; a primeira, teórica, é a compreensão dos fatores que determinam a variação dentro de uma mesma língua, a Segunda, é o conhecimento dos fatores específicos dessa variação, na área em que o professor atual ...” (Lemle, 1978, citado por Aragão, 1995, op. Cit. P. 145).*

Assim, a Sociolingüística vai oferecer entre os diversos elementos de compreensão e análise (para o ensino) da língua, os aspectos lexicais que concorrem para a implementação de um ensino de leitura consciente e eficiente à medida que releve as seguintes bases Sociolingüísticas e culturais.

- a) Livros didáticos e paradidáticos selecionados para o ensino e/ou prática de leitura, a partir da realidade Sociolingüística e cultural do aluno.
- b) Uso de vocabulário escrito (materiais de leitura) e/ou oral (na fala/ pronúncia do professor), vinculado à realidade, à variante lingüística da classe social e/ou comunidade escolar para a qual dirigimos o ensino de leitura.
- c) Utilização de contos populares, folhetos de cordel, histórias de vida dos alunos e de suas famílias, casos acontecidos na comunidade, narrados pelos alunos com seus vocabulários e suas expressões lingüísticas próprias.
- d) Elaboração de material local, apropriado para uma leitura em torno, para que a aprendizagem do aluno parta de suas próprias experiências

em direção a outros contextos.

Esclarecendo mais sobre a importância das questões sociais, culturais e lingüísticas nas relações pedagógicas da prática de ensino da língua natural/leitura, fazemos nosso a afirmação de Costa<sup>5</sup>: “para compreender o processo educacional e de ensino (de leitura)<sup>6</sup>, será indispensável conhecer as relações sociais mais amplas, das quais seus agentes participam e que, certamente, estão, de uma forma ou de outra, facilitando ou dificultando o desenvolvimento eficaz das atividades educacionais.

No que diz respeito ao ensino de leitura, a Sociolingüística ilumina a compreensão pedagógica do processo não apenas através da produção de conhecimentos dessas relações sociais existentes no interior das populações de grupos ou comunidades, mas também, oferece percepções e apreensões intelectuais aos falantes aprendizes da leitura, em uma dada região contudo, este procedimento só é possível, quando a linguagem do professor (vocabulário e pronúncia), e os materiais utilizados para trabalhar essa leitura, respeitam a variação lingüística e cultural da região, evitando a incomunicação e conseqüentemente a evasão, repetência e outras dificuldades que vêm colaborando com o fracasso escolar e com o alarmante número de analfabetos e de não leitores do país, e em particular, no Piauí.

A concepção de ensino de leitura, aqui adotada, com base em suportes Sociolingüísticos, tem o mesmo sentido da opinião de Costa<sup>7</sup> que define a leitura através de princípios de análise do discurso, como “um processo através do qual autor e leitor interagem e produzem significados na relação que se estabeleceu entre o texto, a situação e o contexto social”.

Nesse sentido é que, entendendo-se a leitura como uma forma e expressão da linguagem (oral/fala e/ou escrita, na perspectiva de fato social<sup>8</sup> é que, ela remete o indivíduo às diversas áreas do conhecimento humano, possibilitando a interação na relação homem-mundo (Cf. Costa, 1993), modificando o próprio leitor e o meio onde ele habita.

---

5 - COSTA, Catarina de Sena M. da. Pesquisa Sociolingüísticas. In Anais do I encontro nacional sobre língua e ensino. Universidade Federal de Alagoas, Coordenação do Mestrado em Letras - Macéio, EDUFAL, 1995, 345.

6 - Expressão nossa.

7 - 1993, p. 40

8 - Conforme as regras do método sociológico de Émile Durkheim, o fato social é um fenômeno exterior, concreto e coercitivo. Por isso, os estudos sociológicos de Labov (1972), apontados por Costa (1995, p. 343-347) em suas pesquisas consideram a fala/fatos lingüísticos como um fato social por excelência com íntimas relações com os demais fatos.

Para tanto, parece razoável que esse ensino de leitura siga as pegadas da Sociolingüística, por direcionar rumo a uma ação pedagógica voltada para as realidades concretas, em relação aos diferentes usos e funções lingüísticas e outras diferenciações sociais e culturais. Pois, somente assim, o educando vai ter condições de apropriar-se dos conhecimentos (bens culturais) elaborados pela humanidade, sobretudo no seu universo local, através da linguagem (sua) que servir-lhe-á para o que Sapir chama de “comunhão” de relações interpessoais de valores socioculturais. (Cf. Preid, apud Lyons, 1984, p.278).

Por essa razão, é que na opinião de Zilberman<sup>9</sup>, e a expansão dessa prática demanda a metamorfose deste contexto, imagem última da soberania do ser humano sobre o ambiente que o rodeia”.

Assim, a adoção de recursos Sociolingüísticos e culturais como componentes integradores de um método e de uma didática para ensino de leitura, reconhece a mediação da linguagem oral e escrita, em suas variações, como instrumento de produção social e cultural, entre o homem e a realidade a ele colocada com transparência, face a face.

Essa atitude reforça e cria a necessidade de busca de prática de leitura como processo significativo de sentidos múltiplos na e fora da escola, sendo este, o salto para ultrapassar os conhecimentos acabados e institucionalizados, desmontando o contexto em que livros e textos forma ou são produzidos, revelando assim, os múltiplos sentidos e significados no ato da leitura.

Contudo, para atingirmos a esse estágio de conscientização do ensino de leitura e da cultura geral, é necessário buscarmos bases de compreensão do processo, não apenas na Sociolingüística, mas também na articulação de diferentes teorias, em diferentes campos científicos: lingüística, sociologia da linguagem, sociologia, psicologia, psicolingüística e outros; para que se possa fundamentar um ensino de língua, leitura se não convertido ao multiculturalismo pelo menos ao relativismo cultural que certamente estará abrindo as portas para o processo das transformações sociais, rumo a uma sociedade mais justa.

Ainda, podemos dizer de acordo com as idéias de Soares que, a análise sociológica das relações lingüísticas numa sociedade de classes e numa escola que serve a essa sociedade, mostra-nos que torna-se inadmissível deixar de vincular o ensino da língua materna/leitura às condições sociais e econômica de uma sociedade dividida em classes. Assim, essa vinculação

---

9 - 1982/1986, p. 18-19.

desvenda, nas situações de comunicação pedagógica, as relações de forças lingüísticas, como reflexo de relações de formas sociais e econômicas. (Cf. Soares, 1989), percebendo também a necessidade e urgência de nossas escolas abandonarem a velha concepção etnocêntrica e unilateral da leitura tão usada desde os primórdios de nossa história até hoje, como instrumento de dominação e opressão social.

### **III. À GUIZA DE CONCLUSÃO: Alguns contrapontos para o final de idéias**

Conforme as concepções Sociolingüísticas de leitura aqui expostos, infere-se entre os diversos aspectos evidenciados que, o social determina ou influencia a leitura e constitui se significado. Quando o leitor em seu universo (seu lugar na estrutura social, sua cultura, seus valores, suas relações com o mundo e com os outros) é ignorado, o processo de desenvolvimento da prática de leitura é coibido, sendo o leitor tolhido de seus interesses e inquietações por forças que determinam os limites da compreensão, impedindo, deste modo, a interação do leitor-autor, o confronto com as relações concretas que estabelece, enfim, privando o leitor de associar os diversos fatores de suas experiências no livro/texto, deixando o mesmo sem descobrir a leitura propriamente dita, constituindo-se em um grande problema para a formação desse leitor.

Na perspectiva de análise do ensino da leitura é que, a Sociolingüística esclarece o seguinte: “aqueles que formam leitores desempenham um papel político que poderá ou não, estar comprometido com a transformação social, conforme estejam ou não conscientes da forma de reprodução e ao mesmo tempo de espaço de contradição presentes nas condições sociais da leitura, promovendo ou não a conscientização e questionamento da realidade em que o leitor está inserido” (Soares, 1985).

De acordo com o que se disse sobre a Sociolingüística e ensino de leitura, neste breve artigo, a base metodológica para o referido ensino, fundamentado nestes princípios, deve servir como suporte que venha oferecer ao educando, condições para que o processo ensino-aprendizagem se desenvolva sem limitações de ordens diversas.

Na realidade, sociolingüisticamente, a prática de ensino de leitura deve estar articulada com todo o processo e suas condições reais, onde a fala do educando em qualquer nível e variação possa ser considerada adequada e em vias de aperfeiçoamento. Por isso, “só pode ser considerado erro, aquilo que realmente impeça a construção de um sentido ou tem para o que se lê, já

que este é o princípio, o meio e o fim de qualquer ato de leitura”.

Fica evidenciado, portanto, que ainda longe da sombra da Sociolingüística, nossa escola insiste no monoculturalismo; e através da transmissão dos conhecimentos, que permanecem socialmente desiguais (dos saberes de alcance ou pretensão universal), reduz a autonomia das culturas populares e transformam a cultura dominante em cultura de referência. Entretanto, convém, lembrarmos, que, com o surgimento da Sociolingüística, muitas questões referentes ao ensino de leitura, puderam pelo menos ser compreendidas, se não redirecionadas (salvo algumas experiências), isto por razões políticas muito fortes que penalizam e punem as camadas subalternas da sociedade, através do poder de coerção da linguagem/leitura, que freia e limita a possibilidade de participação popular em todos os segmentos e instâncias da vida nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. A linguagem regional-popular e o ensino do português. In: **Anais do I encontro nacional sobre língua falada e ensino**. Universidade Federal de Alagoas, Coordenação do Mestrado em Letras - Macéio, EDUFAL, 1995.
- BRAGGIO, Sílvio L. B. Variação lingüística e a formação do leitor. In: **Anais do VIII congresso brasileiro de leitura do Brasil**. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1992.
- CHARMEUX, Eveline, **Aprendendo a ler vencendo o fracasso**. São Paulo: Cortez, 1994.
- COSTA, Catarina de Sena M. da. Pesquisa Sociolingüísticas. In: **Anais do I encontro nacional sobre língua e ensino**. Universidade Federal de Alagoas, Coordenação do Mestrado em Letras - Macéio, EDUFAL, 1995.
- PRIDE, J. B. Sociolingüística. In: LYONS, John (org.). **Novos Horizontes em lingüística**. São Paulo: Cultriz, 1985.
- SILVA, L. L. M. DA. **A escolarização do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.  
. **O ensino da língua portuguesa no 1.º grau**. São Paulo: Atual, 1986.  
. **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. 2.ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- SOARES, Magda. **Ensinando comunicação em língua portuguesa no 1.º grau, 5ª a 8ª série**. Rio de Janeiro: DEF/FENAME/UFMG, 1979.  
. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1989.
- TARALO, Fernando. **Falares crioulo: linguagens em contato**. São Paulo: Ática, 1987.  
. **Fotografias sociolingüísticas**. São Paulo: Ática, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.  
. **Leitura infantil: automotismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.